

COMO CITAR ESTE ARTIGO: AZEVEDO, M. P. *Corpos em resistência: um olhar sobre a noção de heterotopia de Michel Foucault.* **Revista Colineares**, Mossoró, v. 05, n. 02, p. 03-17, Jul/Dez, 2018.

CORPOS EM RESISTÊNCIA: UM OLHAR SOBRE A NOÇÃO DE HETEROTOPIA DE MICHEL FOUCAULT

BODIES AS RESISTANCE: MICHAEL FOUCAULT'S NOTION OF HETEROTOPY

Marcos Paulo Azevedo¹

RESUMO:

Este artigo tem como objetivo discutir sobre o corpo enquanto um espaço heterotópico. Vincula-se aos estudos em Análise do Discurso de linha Francesa, tendo como principal base as reflexões foucaultianas. Inicialmente, apresentamos a noção de heterotopia defendida por Foucault (2009) e, em seguida, propomos entender o corpo também como um espaço heterotópico na medida em que ele funciona como um instrumento de resistência às formas de objetivação. Para ilustrar nossa reflexão, tomamos como objeto de análise três tirinhas da cartunista Laerte Coutinho, retiradas da série intitulada "Silicone Blues". Tais tirinhas trazem um personagem que muito se assemelha em seus discursos e práticas aos sujeitos crossdressers. Usamos essas imagens para ilustrar e melhor discutir a relação entre o corpo do sujeito crossdresser, por exemplo, e a Heterotopia. Os efeitos de sentido visualizados em nossa análise apontam para o corpo enquanto um espaço de luta, um lugar de inscrições discursivas que emanam a partir do embate constante entre os sujeitos crossdressers e as diferentes relações de poder que atravessam a construção de sua subjetividade. Esperamos, com este trabalho, contribuir para as reflexões da Análise do Discurso sobre corpo, poder e sujeito, além de colaborar para o entendimento da cultura crossdresser no Brasil.

Palavras-chave: Corpo. Crossdressing. Heterotopia.

ABSTRACT:

This paper aims to discuss about the body as a heterotopic space. Its theoretical basis is French Discourse Analysis, focusing on Foucault's reflections. First, Foucault's (2009) notion of heterotopy is presented, and, afterwards, we propose an understanding of the body as a heterotopic space as far as it works as an important instrument of resistance to the ways of objectifying it. In order to illustrate our reflection, our corpus is constituted by the analysis of three comic strips created by the cartoonist Laerte Coutinho, taken from the series titled "Silicone Blues". These comics presents a character that is very similar, considering his discourses and practices, to crossdressers subjects. These images were used to illustrate and improve the discussion about the relation between the crossdresser subject's body, for example, and heterotopy. The effects of meaning observed on our research points to the

¹ Docente da Faculdade de Letras e Artes, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: marcospaulo@uern.br

body as a space for fighting, a place of discursive inscriptions that emanates from a constant conflict among the crossdressing subjects and the different power relationships that cross the construction of their subjectivity. It is high hoped that, with this research, we can contribute to Discourse Analysis reflections about the body, power and subject, besides collaborating to the understanding of the crossdresser culture in Brazil.

Keywords: Body. Crossdressing. Heterotopy.

1 INTRODUÇÃO

O presente texto, que se vincula aos estudos em Análise do Discurso de linha Francesa, é um recorte da nossa dissertação de mestrado intitulada *O avesso que sou eu: a constituição ética da subjetividade crossdresser*. Na oportunidade, analisamos depoimentos de dez *crossdressers* associados a um sítio eletrônico de relacionamento, com o objetivo de compreender de que maneira esses sujeitos construíam, a partir dos discursos sobre si, eticamente sua subjetividade. Neste recorte, discutiremos mais detidamente sobre a noção de Heterotopia desenvolvida por Foucault (2009), no texto *Outros espaços*, refletindo sobre como o corpo do sujeito *crossdresser* também pode ser entendido como um espaço heterotópico.

Para este fim, tomaremos como exemplo uma série de tirinhas da cartunista Laerte Coutinho intitulada “Silicone Blues”. Tais tirinhas trazem um personagem que muito se assemelha em seus discursos e práticas aos sujeitos *crossdressers* que estudamos em nossa dissertação. Usaremos essas imagens para ilustrar e melhor discutir a relação entre o corpo do sujeito *crossdresser* e a Heterotopia.

Segundo Vencato (2013, p. 32), o *crossdresser* é uma pessoa “que eventualmente usa ou se produz com roupas e acessórios tidos como do sexo oposto ao sexo com que se nasce”, sendo o termo *crossdressing* usado para se referir às atividades praticadas por *crossdressers*. Tanto em nossa pesquisa de mestrado, quanto neste texto, trataremos especificamente de *crossdressers* masculinos, isto é, homens que, independente de sua orientação sexual, usam vestes e acessórios tidos como femininos.

Pedra (2016) diz que a maioria das pessoas não tem conhecimento sobre os *crossdressers* e que, por vezes, costumam confundi-los com travestis, mulheres trans ou mesmo com *drag queens*. Contudo, o autor ressalta que todos esses sujeitos têm suas diferenças.

Enquanto as mulheres transexuais não se reconhecem em seu sexo biológico (masculino), as travestis vivenciam diariamente o gênero feminino e as *drag queens* se envolvem em apresentações e números artísticos, os *crossdressers* são apenas homens que gostam de se vestir de mulher dentro da sua intimidade (PEDRA, 2016, p. 144).

Considerando tais apontamentos, percebemos que os *crossdressers* não têm necessariamente uma identidade de gênero feminina, e sim que possuem, de algum

modo, uma identificação com peças de roupas que por definição são femininas. É preciso ressaltar, porém, que Azevedo (2016), ao analisar depoimentos de *crossdressers*, destacou a possibilidade do *crossdressing* ser, para alguns, uma etapa de transição para a descoberta da orientação sexual e/ou identidade de gênero. Além disso, percebeu ainda que os *crossdressers* não se vestem mais apenas “dentro da sua intimidade”, mas que costumam frequentar, sob algumas condições, determinados locais públicos.

Tendo em vista essas colocações, há um ponto comum entre esses sujeitos: o corpo. É sobre o corpo que recai as inscrições simbólicas e transformações físicas que os *crossdressers*, por exemplo, tendem a realizar. É no momento em que concretizam tais inscrições que essas pessoas transgridem as normas impostas pelos padrões de gênero da sociedade.

Para entendermos a constituição do sujeito moderno, precisamos antes compreender que as relações de poder-saber atuam principalmente sobre os corpos dos sujeitos. Isso nos leva a refletir a respeito da visão dos estudos em Análise do Discurso (AD), no que se refere à noção de corpo. A Análise do Discurso de vertente francesa considera o corpo como lugar de produção de sentido, o que significa dizer que o corpo tanto é objeto como fonte de discursos.

Sendo assim, a primeira consideração sobre o corpo enquanto lugar de discurso que se faz necessária, de acordo com Milanez (2009), é a de que ele se diferencia do corpo biológico. A AD não se atém ao corpo físico/biológico que trabalha, que pratica esportes, que faz sexo, que estuda. Ela não analisa o corpo em exercício de suas funções sociais e biológicas do cotidiano. Importa à Análise do Discurso o corpo em sua existência histórica. “O corpo deve ser visto como um lugar de inscrições, produções ou constituições sociais, políticas, culturais e geográficas. O corpo não se opõe à cultura, um atavismo resistente de um passado natural; é ele próprio um produto cultural, o produto cultural” (GROSZ, 2000, p. 84).

Entender o corpo, como lugar que abriga as inscrições, produções ou constituições das diferentes relações que o ser humano pode estabelecer com o outro e consigo mesmo, significa vislumbrá-lo como alvo dos efeitos de sentido sócio-historicamente produzidos pelas diferentes esferas de conhecimento que ao longo da história da humanidade foram institucionalmente agraciadas com o poder de produzir verdades. Mas enquanto alvo desses discursos, o corpo também é instrumento de resistência a formas de objetivação. É nesse sentido que pretendemos investigar o corpo enquanto espaço heterotópico: um corpo que resiste.

2 A NOÇÃO DE HETEROTOPIA

Os corpos heterotópicos são cavalos de carrossel que saem do círculo e andam sozinhos, como no filme de Mary Poppins; são, simultaneamente, gigantes e liliputianos, como nas viagens de Gulliver; são a denúncia da farsa do Mágico de Oz; são Dom Quixote e Sancho Pança, misturados, lutando contra moinhos de vento, moinhos de prepotência, moinhos de medicalização, moinhos de patologização; são Lampião e Maria Bonita num corpo só, contra

os coronéis e os poderes dos muitos sertões e das diversas secas da vida, dos sertões da vida e dos tantos tipos de vidas secas. (MARINHO, 2015, p. 17-18).

A noção de heterotopia que aparece no excerto de Marinho (2015) foi apresentada por Foucault em 1967 no texto intitulado *Outros espaços* (FOUCAULT, 2009), que só veio a ser publicado em 1984. O autor discorre sobre uma noção de espaço que se opõe aos lugares utópicos. Faremos uma transposição do conceito de heterotopia para pensar o corpo como lugar heterotópico, seguindo os apontamentos de Marinho (2015). Enquanto lugar de significação, de produção de sentido, o corpo também se apresenta enquanto lugar de resistência às formas de poder-saber que o subjetivam cotidianamente (MARINHO, 2015). É dessa premissa que o caracterizaremos enquanto espaço heterotópico.

Foucault (2009, p. 412) inicia seu texto descrevendo “grosseiramente” a história do espaço, começando pela Idade Média. Para o filósofo francês, esse período caracterizou-se por possuir um “conjunto hierarquizado de lugares”. Existiam, segundo ele, lugares considerados sagrados e lugares profanos, lugares que eram protegidos e outros que ficavam abertos e sem defesa, lugares urbanos e lugares rurais. Havia ainda, de acordo com a teoria cosmológica, lugares considerados supra celestes que se opunham ao lugar celeste, e este ao terrestre. No lugar terrestre, era possível encontrar mais uma divisão de lugares: “havia os lugares onde as coisas se encontravam colocadas porque elas tinham sido violentamente deslocadas, e depois os lugares, pelo contrário, onde as coisas encontravam sua localização e seu repouso naturais” (FOUCAULT, 2009, p. 412). Essa era a configuração do espaço medieval: um “espaço de localização”.

É possível perceber, por essa separação e oposição (localização), que os espaços sempre foram, de algum modo, classificados. Essa classificação, sem dúvida, passa pelas relações de poder que emanam de cada um desses lugares. Logo, qualquer um não pode frequentar qualquer lugar: não se tratava apenas de uma organização espacial, mas de maneiras de delimitar certos espaços a determinados sujeitos com determinados fins. Para Foucault (2009), atualmente, vivemos não uma localização, mas um posicionamento:

De uma maneira ainda mais concreta, o problema do lugar ou do posicionamento se propõe para os homens em termos de demografia; e esse último problema do posicionamento humano não é simplesmente questão de saber se haverá lugar suficiente para o homem no mundo – problema que é, afinal de contas, muito importante –, é também o problema de saber que relações de vizinhança, que tipo de estocagem, de circulação, de localização, de classificação dos elementos humanos devem ser mantidos de preferência em tal ou tal situação para chegar a tal ou tal fim. Estamos em uma época em que o espaço se oferece a nós sob a forma de relações de posicionamentos (FOUCAULT, 2009, p.413).

Percebemos, por essa noção de posicionamento, que houve uma manutenção no que diz respeito à configuração dos espaços, principalmente sobre quem ocupa esse espaço e por quê. Assim, ainda é possível vislumbrar nessas relações de posicionamento algumas formas de sacralização e de oposição. Ainda existe a oposição entre os lugares públicos e privados, entre o lugar da família e o social, entre o lugar do trabalho e do lazer (FOUCAULT, 2009). Valverde (2009), destacando a noção de espaço público (que ainda estaria parcialmente sacralizada) nos dá mais uma ideia sobre essa manutenção das oposições. Segundo o autor, quando Foucault fala dos espaços ainda sacralizados se remete às resistências pelas ciências sociais

em admitir que os seus princípios, os seus objetos, os seus arranjos e os seus atores poderiam mudar. Foucault ainda deixou entender que a quebra dessa resistência seria relevante para a definição de uma relação entre Estado e sociedade que não seria baseada no controle (VALVERDE, 2009, p. 10).

Essa resistência das ciências sociais teria ajudado na manutenção desses espaços ainda sacralizados. Sobre a relação de controle entre Estado e sociedade ainda falaremos adiante.

Foucault (2009, p. 414) vai se deter ao exame do que ele chamou de “espaços de fora”, que são os espaços em que vivemos e nos atraem para fora de nós mesmos. Esse tipo de posicionamento pode ser percebido nos “posicionamentos de passagem” que são as ruas, os trens: lugares que comportam um grande número de relações por sua característica de via de acesso entre um lugar e outro. Também os “posicionamentos de parada provisória”, como cafés, cinemas e praias; ou ainda os “posicionamentos de repouso”, que seriam a casa, o quarto ou mesmo um leito, representariam esses espaços de fora.

Gomes (2010, p. 37) chamou esses espaços de “não-lugar”. Esse não-lugar caracteriza-se por seu aspecto de transitoriedade. Sua ocupação se daria de modo tão efêmero que não seria possível sustentar, em relação a esse não-lugar, um vínculo identificatório. “Situados que estão no entremeio de um ponto a outro: o carro e as ruas, o trem e as estações, o avião e os aeroportos... Sua habitação se apresenta como impossibilidade, pois os não-lugares têm um estatuto à parte: só de circulação” (GOMES, 2010, p. 37). Exatamente por esse caráter transitório, o não-lugar é, aparentemente, incapaz de suscitar no sujeito um vínculo por identificação. Porém, para Foucault, o que interessa são,

entre todas esses posicionamentos, alguns dentre eles que têm a curiosa propriedade de estar em relação com todos os outros posicionamentos, mas de um tal modo que eles suspendem, neutralizam ou invertem o conjunto de relações que se encontram por eles designadas, refletidas ou pensadas. Esses espaços, que por assim dizer estão ligados a todos os outros, contradizendo, no entanto, todos os outros posicionamentos, são de dois grandes tipos (FOUCAULT, 2009, p. 414).

O primeiro grande tipo de espaço que Foucault define são os espaços utópicos. As utopias, segundo o autor, são lugares irreais, são formas de posicionamento que mantêm relações de analogia com espaços reais da sociedade, mas que essencialmente não existem. Já o segundo grande tipo, que Foucault (2009) acredita existir em qualquer cultura ou civilização, chama-se heterotopia. Ao contrário das utopias, as heterotopias são lugares reais, efetivos, que se fundam no interior da própria sociedade; são contraposicionamentos, espécies de utopias que se concretizaram

[...] nas quais os posicionamentos reais, todos os outros posicionamentos reais que se podem encontrar no interior da cultura estão ao mesmo tempo representados, contestados e invertidos, espécies de lugares que estão fora de todos os lugares, embora eles sejam efetivamente localizáveis (FOUCAULT, 2009, p. 415).

Ao estudo desses lugares heterotópicos, Foucault (2009) chamou de “heterotopologia” e estabeleceu seis princípios a partir dos quais seria possível fazer uma análise, uma descrição das heterotopias. Nos deteremos aqui apenas ao primeiro princípio, uma vez que, a partir dele, é possível desenvolver de forma satisfatória a discussão que fazemos aqui. Esse primeiro princípio diz respeito ao fato de que provavelmente não há no mundo uma cultura que não seja composta de heterotopias. No entanto, tais heterotopias assumem formatos variados, não sendo possível definir um modelo universal de heterotopia. O filósofo, contudo, conseguiu classificá-las em dois grandes tipos. O primeiro tipo se desenvolveu nas sociedades primitivas e o autor chamou de “heterotopias de crise”:

[...] há lugares privilegiados, ou sagrados, ou proibidos, reservados aos indivíduos que se encontram, em relação à sociedade e ao meio humano no interior do qual eles vivem, em estado de crise. Os adolescentes, as mulheres na época da menstruação, as mulheres de resguardo, os velhos etc. Em nossa sociedade, essas heterotopias de crise não param de desaparecer, embora delas se encontrem ainda alguns restos. Por exemplo, o colégio, em sua forma do século XIX, ou o serviço militar para os rapazes certamente desempenharam um tal papel, as primeiras manifestações da sexualidade viril devendo ocorrer precisamente “fora” e não na família (FOUCAULT, 2009, p. 416).

Como o próprio nome sugere, as heterotopias de crise são lugares destinados a pessoas que se encontram em crise com a normalidade civilizatória. Mulheres na época da menstruação, por exemplo, eram consideradas doentes e, portanto, deviam manter-se resguardadas até que ficassem curadas; os idosos, já considerados improdutivos, também precisavam de um lugar específico, um espaço onde não atrapalhassem os mais jovens, fazendo surgir, assim, os asilos; os jovens rapazes, ao descobrir a sexualidade, por receio talvez de incestos, não podiam estar no espaço familiar, mas sim onde pudessem ser disciplinados e instruídos sobre suas funções de homem, eram então enviados aos colégios internos ou ao serviço

militar. Foucault (2009) assevera, porém, que as heterotopias de crise, atualmente, estão sendo substituídas por um segundo tipo, que ele chamou de heterotopias de desvio:

aquela na qual se localiza os indivíduos cujo comportamento desvia em relação à média ou à norma exigida. São as casas de repouso, as clínicas psiquiátricas; são, bem entendido também, as prisões, e seria preciso, sem dúvida, acrescentar aí as casas de repouso, que estão de qualquer forma no limite da heterotopia de crise e da heterotopia de desvio, já que, afinal, a velhice é uma crise, mas igualmente um desvio, pois, em nossa sociedade em que o lazer é a regra, a ociosidade constitui uma espécie de desvio (FOUCAULT, 2009, p. 416).

É na heterotopia de desvio que vislumbramos também os espaços criados ou frequentados pelo público LGBT². Este grupo, sem dúvida, apresenta um comportamento que se “desvia em relação à média ou à norma exigida”. São bares, saunas, boates, clubes, espaços abertos, semiabertos ou fechados que funcionam como lugares de escape para esta comunidade. São espaços que foram criados exatamente porque esses sujeitos não se encaixavam ou não eram encaixados ou, ainda, não queriam se encaixar dentro de padrões normatizadores.

Valverde (2009), ao caracterizar as heterotopias, faz uma descrição que serve bem ao recorte aqui pretendido. Segundo ele,

as heterotopias se constituiriam em espaços nos quais as memórias política e institucional não se apresentariam, em espaços nos quais as classificações funcionais não se aplicariam, em espaços nos quais as regras de convivência não são baseadas na civilidade (VALVERDE, 2009, p. 13).

Por essa definição, podemos entender de forma mais clara os ambientes LGBT enquanto espaços heterotópicos, uma vez que estes fogem às regras institucionais e políticas, no que diz respeito ao sistema heteronormativo que vigora em nossa sociedade. Tais espaços aparecem como lugares de resistência a esse discurso normatizador, carregam em si uma visão de liberdade, de possibilidade de realizar plenamente os seus desejos sem medo de ser reprimido por estar “num local inadequado”. Ora, a heterotopia seria exatamente esse lugar adequado ao exercício da liberdade.

Seguindo ainda o raciocínio de Valverde (2009, p. 20), “o que estaria em jogo em um espaço heterotópico é o saciamento de um interesse, de um desejo ou de uma necessidade de determinados atores através da reorganização constante do espaço”. Ora, os ambientes acima mencionados surgem exatamente com o objetivo de congregarem sujeitos que compartilham de desejos comuns e para isso criam novos

² LGBT é a sigla para Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. A obra *Interseccionalidades, gênero e sexualidades na análise espacial* (SILVA *et al*, 2014) fornece uma compilação de textos em que se analisam ambientes LGBT em diferentes cidades do Brasil.

espaços ou reorganizam espaços já existentes para que possam atender às suas necessidades. Gomes (2010, p. 38) faz uma ressalva pertinente para nossa reflexão quando afirma:

assim como nos empenhamos pela ocupação de lugares segundo nossas propensões e desejos, também nos empenhamos por lhes escapar. Ao movimento de enquadramento corresponde um outro que tenta se afastar de regras e constrações, de forma a encobrir uma mecânica de contenção intrínseca ao recorte dos lugares, de forma a, justamente, fazer com que continuem correspondendo a nossas propensões e desejos.

Se um sujeito LGBT – e também o *crossdresser* – se distancia de lugares onde imperam regras e restrições, ele precisa estar sempre ocupando diferentes heterotopias, caso contrário um determinado lugar vai acabar por defini-lo, por fazê-lo se enquadrar a um determinado modelo que aquele espaço heterotópico parece requerer; passará a classificá-lo de algum modo, o que não seria aceitável.

Gostaríamos de abordar agora o que Foucault (2009) chamou de “experiência mista” entre os espaços utópicos e heterotópicos: o espelho.

O espelho, afinal, é uma utopia, pois é um lugar sem lugar. No espelho, eu me vejo lá onde não estou, em um espaço irreal que se abre virtualmente atrás da superfície, eu estou lá longe, lá onde não estou, uma espécie de sombra que me dá a mim mesmo minha própria visibilidade, que me permite me olhar lá onde estou ausente: utopia do espelho. Mas é igualmente uma heterotopia, na medida em que o espelho existe realmente, e que tem, no lugar que ocupo, uma espécie de efeito retroativo; é a partir do espelho que me descubro ausente no lugar em que estou porque eu me vejo lá longe. A partir desse olhar que de qualquer forma se dirige para mim, do fundo desse espaço virtual que está do outro lado do espelho, eu retorno a mim e começo a dirigir meus olhos para mim mesmo e a me constituir ali onde estou: o espelho funciona como uma heterotopia no sentido em que ele torna esse lugar que ocupo, no momento em que me olho no espelho, ao mesmo tempo absolutamente real, em relação com todo o espaço que o envolve, e absolutamente irreal, já que ela é obrigada, para ser percebida, a passar por aquele ponto virtual que está lá longe (FOUCAULT, 2009, p. 415).

Enquanto misto de utopia e heterotopia, o espelho é capaz de proporcionar experiências únicas aos sujeitos. Utópico quando nos mostra em um lugar onde não estamos, quando mostra uma imagem irreal (não material) de nós, quando nos possibilita olhar a nós mesmos num lugar onde não estamos. Mas é enquanto heterotopia que o espelho leva o sujeito a uma experiência consigo mesmo, a uma atitude ética de subjetivação.

Segundo Foucault (2009), o espelho pode ser considerado uma heterotopia na medida em que ele existe realmente e tem um efeito retroativo sobre o lugar que ocupamos. Isso se dá no momento em que nos percebemos ausentes no lugar em

que estamos porque nos vemos lá longe e, a partir dessa visão, voltamos a nós mesmos e nos constituímos.

Pensemos essa experiência tendo como exemplo um sujeito *crossdresser* que se contempla travestido diante do espelho. Tomando o espelho como heterotopia, inicialmente ele se vê ausente desse lugar onde está, desse corpo forjado que ele mesmo criou e passa a habitar aquele lugar distante. Ali se vê como realmente é ou como gostaria de ser. Vê naquele lugar distante, no espelho, a imagem do seu eu, que esconde pelo avesso. Mas ali não. Ali o seu “avesso que sou eu” não está escondido, ele vive e é real. Desse modo, a partir dessa imagem que o sujeito faz de si, projetada lá onde ele não está, volta ao lugar que ocupa e assume aquela identidade, se constitui daquele avesso até então escondido. Por essa heterotopia do espelho, é possível constituir eticamente a si mesmo, absorver aquela imagem feminina que lá habita – e que também já habitava nele, como que adormecida – e realizar o seu desejo. Ao promover esse encontro com o real e o irreal, o espelho proporciona ao sujeito novos modos de subjetivação, que levam em conta seus anseios, seus desejos, suas escolhas.

Vale ressaltar que o corpo aparece nessa heterotopia do espelho como lugar onde se inscreve esse processo de subjetivação. É no corpo enquanto lugar de discurso que o *crossdresser* imprime seus desejos e por meio do qual reflete sua subjetividade. Vimos, anteriormente, que Valverde (2009) classifica os lugares heterotópicos como espaços de resistência às formas de controle, seja do Estado, seja da sociedade de um modo geral. É numa perspectiva aproximada que Marinho (2015, p. 2) propõe “um exercício filosófico de pensarmos o corpo numa perspectiva da analítica foucaultiana do poder, na qual o corpo heterotópico se mostra como resistência aos processos de subjetivação identitária em meio às relações de poder”. Se o corpo carrega em si as marcas, os símbolos, as inscrições discursivas que materializam as formas de resistência aos processos de subjetivação do sujeito, parece-nos perfeitamente aceitável a proposição de Marinho (2015) de pensar o corpo como um lugar heterotópico.

Assim, propomos pensar o corpo do sujeito *crossdresser* como uma heterotopia, tanto pelo seu caráter transgressor, fronteiroço, resistente aos processos de objetivação, como pela peculiaridade que ele carrega de ser palco dos processos de apropriação pelo sujeito de sua identidade, ou seja, é sobre ele que recaem as práticas de si que o sujeito efetua para se constituir eticamente enquanto sujeito de seus desejos. É nesse sentido que Marinho (2015, p. 11) afirma:

É possível, também, pensar o corpo heterotópico dentro da sua perspectiva de resistência, como sendo uma forma de estética da existência, contra a disciplina, o controle, a biopolítica etc. O corpo heterotópico resiste como realização de obra de arte, uma estética da existência, atualização do cuidado de si como prática de liberdade.

Esse cuidado de si, enquanto prática da liberdade que pode ser exercido pelo *crossdresser* no seu corpo, enquanto heterotopia, é o que possibilita a ele a felicidade de poder viver conforme seus desejos que, no caso, se refere exatamente à ornamentação ou às transformações que provoca em seu corpo para se aproximar

de uma vontade de verdade sobre o feminino de nossa época. É nessa prática de uma estética da existência que o *crossdresser* pratica a ética de si.

3 CORPO E HETEROTOPIA NO *CROSSDRESSING*

Passaremos agora a examinar as tirinhas de Laerte Coutinho, lançando sobre elas um olhar investigativo sobre a construção de um corpo heterotópico, de um corpo que resiste aos padrões de gênero impostos na sociedade e se constitui como lugar de subjetivação.

Figura 1 – Tirinha Silicone Blues 1



Fonte: < <http://www2.uol.com.br/laerte/>>. Acesso em 20 set. 2016.

Na **Figura 1**, vemos que a mudança no corpo se dá por meio de aplicação de silicone. No caso do *crossdresser*, a transformação no corpo é uma condição para experimentar o feminino.

Nesse sentido, a aplicação de silicone é um meio de promover essa mudança que, de certo modo, segue algumas regras. A ação sobre o próprio corpo será orquestrada levando em consideração as marcas de feminilidade que se quer aplicar ao corpo. Hoje em dia, os homens estão abertos às intervenções de preenchimento, mas tendem, por exemplo, a aplicar silicone em locais distintos aos femininos: o homem geralmente aplica na panturrilha; a mulher, no bumbum e nos seios. Esse padrão é quebrado na tirinha. Notemos que a aplicação do silicone é feita no rapaz onde geralmente é aplicado em mulheres.

Observemos que no primeiro quadrinho o doutor apresenta ao “paciente” a “forma” na qual ele precisará entrar para fazer a aplicação de silicone. Essa forma apresenta um contorno feminino, mas não qualquer um: o molde é de um corpo magro, mas com seios e bumbum grandes e pernas grossas.

Vale ressaltar que o preenchimento será feito exatamente nas partes do corpo que indicamos anteriormente como sendo tipicamente alteradas em mulheres. A existência do molde indica que, mesmo o sujeito que busca formas de subjetivação que fogem ao controle do poder disciplinar, acaba caindo em outras formas de objetivação, uma vez que o sujeito mulher, concebido no molde, é um

estereótipo que não representa, por assim dizer, uma mulher real, mas sim ideal. E essa idealização é atravessada por diferentes relações de poder que se exercem por meio do discurso midiático, econômico, cultural e também do discurso machista.

No segundo quadrinho, inicia-se a transformação e logo temos o resultado no terceiro quadrinho: o homem sai da máquina com os contornos femininos que o molde possuía. O sujeito sente-se satisfeito com a transformação: “Puxa! Obrigado, doutor!”. A fabricação de um corpo que atenda ao desejo de subjetivação do sujeito faz com ele atinja esse estado de felicidade.

A leitura desta tirinha permite encontrar ali um corpo como espaço de resistência. Um corpo que sofre uma mudança com vistas a se adequar a uma necessidade do sujeito, mesmo que essa adequação o leve a subverter as regras socialmente impostas sobre os corpos masculinos e femininos.

No momento em que este corpo se torna um instrumento de conflito ante as relações de poder em torno dos gêneros masculino e feminino, torna-se um espaço heterotópico. A partir dele, o sujeito poderá viver experiências que antes não poderia.

Tais experiências estão principalmente relacionadas ao modo de vida tipicamente feminino e, de certo modo, ligado também às vestimentas femininas, pois uma vez que passou por essas transformações físicas, outras mudanças também se farão necessárias.

Esse novo corpo será, ainda assim, um lugar de embates, pois mesmo que carregue consigo um ideal de feminino prestigiado, será visto como “estranho” por se tratar de um homem heterossexual – como o próprio personagem ressalta na tirinha a seguir:

Figura 2 – Tirinha Silicone Blues 6



Fonte: <http://murieltotal.zip.net/arch2009-03-08_2009-03-14.html>. Acesso em: 29 maio 2016.

No primeiro quadrinho da tira, vemos um homem admirando o próprio corpo, que apresenta contornos femininos no quadril e ainda mais visivelmente no bumbum e nos seios. O personagem classifica o próprio corpo como “demais!” e acrescenta: “Silicone é uma maravilha! Posso ter isso tudo...”. No segundo quadrinho, onde

aparece de lingerie feminina, completa: "... e continuar sendo homem!". A afirmação corrobora com a noção de *crossdressing* que apresentamos em nossa introdução. Apesar de vestir-se com roupas femininas e de algumas vezes intervir cirurgicamente em seu corpo, o sujeito *crossdresser* não necessariamente deseja "tornar-se" mulher, pertencer ao sexo feminino ou mesmo ser homossexual. Como é o caso do personagem da tirinha, que deixa isso claro no último quadrinho: "Pena que eu não seja homossexual também...".

Pela expressão de tristeza que o sujeito apresenta no final da tira, há o efeito de sentido de que o fato dele não ser homossexual torna a transformação em seu corpo ainda mais "anormal" diante do olhar da sociedade. Vale ressaltar que, se ele fosse homossexual, não impediria que a sociedade o visse como transgressor, uma vez que tanto a homossexualidade quanto as transformações que ele realizou no corpo vão de encontro à vontade de verdade sobre o que é ser normal (heterossexual) na sociedade.

Mesmo diante dessa interdição, o sujeito apresentado na tirinha realiza as transformações sobre o corpo e vivencia seu desejo de ter um corpo feminino, ainda que a sociedade negue a ele esse reconhecimento.

O fato é que o corpo, que se apresenta na tirinha, pode ser entendido como uma heterotopia. É uma materialidade discursiva em que os sentidos produzidos não se enquadram nos padrões heteronormativos da sociedade. É um corpo que resiste, que se impõe, que foge ao controle da biopolítica. É um corpo eticamente subjetivado na medida em que resulta da ação do próprio sujeito sobre si mesmo. É um corpo fabricado e, enquanto tal, está sujeito a reformas, a modificações, a ressignificações, não se prendendo, assim, nem a sua própria imagem ora criada. Porém, é um corpo que não está totalmente livre da disciplinarização, uma vez que os espaços heterotópicos e as técnicas aplicadas legitimam uma nova forma de poder e saber. Por esse motivo Valverde (2009) afirma que esse corpo está sempre migrando, fugindo de qualquer espaço que tente objetivá-lo.

Figura 3 – Tirinha Silicône Blues 2



Fonte: < <http://www2.uol.com.br/laerte/>>. Acesso em 20 set 2016.

Nesta outra tirinha, o personagem apresenta um corpo com contornos femininos, especialmente nos seios e no bumbum, corroborando com o que dissemos antes sobre as mudanças que viriam também no modo de se vestir. Seu rosto, porém, resguarda as características masculinas. O enunciado do segundo quadrinho (“Este copinho aqui é tudo silicone!”) remete ao fato, já sabido por nós, de que ele aplicou silicone nos seios e bumbum.

Olhando diretamente para o leitor da tirinha, ele responde a possível pergunta que lhe seria feita presencialmente: “...sexo? Masculino, por quê?”. O enunciado do sujeito constitui-se como um ato performativo de gênero (BUTLER, 2015) que contrasta diretamente com as operações realizadas em seu corpo, isto é, enquanto inscreve em seu corpo marcas de subjetividade feminina, ele não abre mão da sua masculinidade.

Nesse caso, o corpo é o “veículo” em que o sujeito transita pelas fronteiras do sexo/gênero. Tal corpo pode ser considerado heterotópico, uma vez que é um ponto de resistência ao poder disciplinar do sistema heteronormativo. A condição fronteira fica evidente diante de sua fala em contraste com o corpo. Pela expressão facial, percebemos que esse sujeito não deseja ser incomodado por causa das mudanças que fez em seu corpo, que não aceita o estereótipo de que é “viado” devido à roupa que veste ou ao seu corpo fabricado. É, em meio a essa relação agonística de poder, que o corpo aparece como heterotopia, ao se colocar como principal instrumento de luta contra os padrões binários estabelecidos pelo sistema heteronormativo.

A postura que o sujeito da tirinha assume diante do olhar inquisidor – que ele parece perceber sobre si – é de segurança, e aparenta satisfação com o próprio corpo e com sua sexualidade. Podemos fazer a leitura de que ele enxerga problema apenas nesse olhar que o condena, quando ele usa o “Por quê?” no primeiro quadrinho e a expressão “começarem a achar”, no último quadrinho. Essa preocupação com o outro vem da possibilidade de lhe ser negado o direito de ser sujeito dessa transitoriedade, dessa mistura, dessa transgressão. A preocupação é que as interdições o impeçam de vivenciar essa vontade de verdade, esse novo modo de ser sujeito de si mesmo, dos seus próprios desejos. Por isso, resiste.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso objetivo foi discutir o corpo enquanto um espaço heterotópico. Vimos que o corpo se configura como heterotopia uma vez que se constitui como um espaço de resistência às relações e poder que concorrem na construção da subjetividade *crossdresser*, o que foi visto a partir das tirinhas analisadas. Logo, podemos afirmar que a heterotopia é um modo de subjetivação na medida em que propicia ao sujeito um espaço no qual ele pode agir sobre seu corpo e ressignificá-lo, de maneira a atingir um estado de completude da alma, resistindo, assim, às interdições do sistema heteronormativo.

Na discussão sobre a relação entre corpo e heterotopia, percebemos que o diálogo entre os dois termos se justifica porque o corpo é entendido como uma materialidade discursiva, o que significa dizer que o corpo é capaz de produzir discurso e, ao mesmo tempo, constituir os sujeitos. Vimos que o sujeito

representado na tirinha realizou modificações no seu corpo com a aplicação de silicone, moldando-o a um corpo tipicamente feminino. Ao realizar tais inscrições, o sujeito, apesar de muito satisfeito, sentia sobre si o olhar do outro que o condenava, que o julgava “viado”, por estar com um corpo e vestimentas femininas. Mas ainda assim ele resiste: “... sexo? Masculino, porque?”, isto é, reafirma a sua masculinidade, a sua identidade, apesar do corpo que agora possui.

É nesse viés que o corpo se configura como um espaço heterotópico, pois é ele a própria arena da luta do sujeito *crossdressers* contra as várias formas de interdição impetradas pelo sistema heteronormativo, o qual defende o binarismo Masculino e Feminino, a partir da distribuição de papéis sociais e modos de vida para cada um. Este estudo espera contribuir para um melhor entendimento da cultura *crossdresser* no Brasil e também acrescentar reflexões às pesquisas sobre corpo, poder e heterotopia na Análise do Discurso de linha francesa.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, M. P. *O avesso que sou eu: a constituição ética da subjetividade crossdresser*. 2016. 135f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Programa de Pós-graduação em Letras, Pau dos Ferros/RN, 2016.
- BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução Renato Aguiar. 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015. 287p. (Coleção Sujeito & História).
- FOUCAULT, M. Outros espaços. In: *Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Organização Manoel Barros da Motta. Tradução de Inês Autran Dourado Barbosa. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. p. 411-422. (Ditos e Escritos, III).
- GOMES, M. R. Avatar: entre utopia e heterotopia. *Matrizes*, São Paulo, ano 3, n. 2, p. 35-49, 2010.
- GROSZ, E. (2000). Corpos reconfigurados. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 14, p. 45-86, 2000.
- MARINHO, C. M. *Corpo heterotópico como resistência aos processos de subjetivação identitária: algumas questões filosófico-educacionais*. [S.l.]: Foucault et alii, 2015. Disponível em: <<http://www.michelfoucault.com.br/files/Cristiane%20Marinho%20-%20texto%20CIMF%20Recife%202015%20-%208jun15.pdf>>. Acesso em: 27 de maio de 2016.
- MILANEZ, Nilton. Corpo cheiroso, corpo gostoso: unidades corporais do sujeito no discurso. *Acta Scientiarum. Language and Culture*. Maringá, v. 31, n.2, p. 215-222, 2009.

PEDRA, C. B. O que são drag queens e crossdressers? In: RAMOS, M. M. et al. (Org.). *Gênero, sexualidade e direito: uma introdução*. Belo Horizonte: Initia Via, 2016, p. 136-145.

SILVA, M. G. S. N.; SILVA, J. M. (org.). *Interseccionalidades, gênero e sexualidades na análise espacial*. Ponta Grossa: Toda Palavra, 2014.

VALVERDE, R. R. H. F. Sobre espaço público e heterotopia. *Geosul*, Florianópolis, v. 24, n. 48, p. 7-26, jan. 2009.

VENCATO, A. P. *Sapos e princesas: prazer e segredo entre praticantes de crossdressing no Brasil*. São Paulo: Annablume, 2013. (Coleção Queer).